Cativeiro da Babilônia: uma crise criativa

"Sentados às margens dos rios da Babilônia
chorávamos de saudade da nossa terra"
(Salmo 137,1).

I - PRELIMINARES

1) O exílio na vida do povo de Deus não foi uma exceção, mas sim uma regra. Seus dias foram marcados por constantes exílios: dias de peregrinação, dias de diáspora. O quadro abaixo reflete a importância do tema para a sócio-história de Israel:

Exílios e cativeiros			*Voltas e Retornos*		
ano	*para onde*	*texto*	*ano*	*de onde*	*texto*
734	Assíria	2Rs 15,29			
722	Mesopotâmia	2Rs 17,6.23			
701	Assíria	2Rs 18,32-33			
669	Babilônia	2Cr 33,11-13			
609	Egito	2Rs 23,34			
604	Babilônia	2Cr 36,6; Dn 1,2			
589	Moab, Edom, Amon	Jr 40,11; 43,5			
597	Babilônia	2Rs 24,10-17			
587	Babilônia	2Rs 25,1-30	587	vizinhança	Jr 40,12
586	Egito	Jr 43,4-7			
582	Babilônia	Jr 52,30	582	Babilônia	Br 1,6-9
?	Egito	Jr 44,1			
			538	Babilônia	Esd 1,11
			520	Babilônia	Esd 2,1s
			445	Babilônia	Ne 2,1-11
			430	Babilônia	Ne 13,7
			398	Babilônia	Esd 7*

* Transcrito de A leitura profética da história. In: *Tua Palavra é Vida*, v. 3, Publicações CRB/Edições Loyola, São Paulo, 1992, p. 146.

2) De todos os exílios acontecidos, é sentido comum intitular o cativeiro da Babilônia como o "cativeiro padrão". Ora, se o consideramos padrão, tornamo-lo expressão daquilo que se passou com todo o povo.

Dada, portanto, a múltipla importância que incide nos exílios, não podemos classificá-los como fatos isolados. Mas sim devemos considerá-los enquanto marcos dentro de processos mais amplos, provocados pelas situações econômicas, sociais e políticas, tanto em nível nacional quanto internacional.

Percebe-se, então, que o exílio da Babilônia é ponto de referência obrigatório para o estudo da Bíblia. Nele misturam-se sentimentos ambíguos: arrependimento, saudade, crise, angústia, incerteza, dor, esperança, fé, memória e vontade de recomeçar.

II - O INÍCIO DA CRISE

O processo de exílio teve seu início no século VIII, quando renasciam as grandes potências, e atingiu sua crise aguda no século VI, com o cativeiro da Babilônia.

Três grandes impérios adotavam a mesma política dura e repressiva nos países conquistados: Egito, Assíria e Babilônia. Para evitar possíveis revoltas, o invasor desterrava parte da população do país. No caso de Judá, duas das intervenções sofridas por intermédio dos babilônios são dignas de mencionar:

A primeira ocorreu em 597, antes da destruição de Jerusalém. Nessa oportunidade as forças militares foram as principais atingidas (confira 2Rs 24,14-16). O objetivo não era outro senão o de evitar futuras mobilizações militares a partir de Judá. Acompanhando os militares ainda encontramos sendo levada ao exílio a classe dirigente do país: rei, funcionários, ministros, nobres e os artesãos (ferreiros e carpinteiros). Pode-se dizer que a deportação de 597 visava, principalmente, a desmilitarização.

A segunda se deu em 587, depois da destruição de Jerusalém. Nabucodonosor deportou o resto do povo que havia se refugiado na cidade (2Rs 25,11). O objetivo principal da segunda deportação era, sem sombra de dúvidas, a desurbanização de Judá.

A partir desse segundo momento a crise vinha para se instalar de forma definitiva. Na memória do povo ainda era recente a dor causada por duas grandes tragédias: em 722, a destruição da Samaria (confira 2Rs 17,5-6); em 609, a morte do rei Josias (confira 2Rs 23,29-30).

Ao cercar Jerusalém com o seu exército, Nabucodonosor dava início a uma situação de dor sem precedentes na história do povo de Deus. Afinal, a tragédia levava consigo todos os pontos de referência que davam ao povo sua identidade: terra, rei e templo, ao mesmo tempo em que levava o povo a mergulhar numa situação de completa perda de direção histórico-religiosa. O projeto de Javé havia fracassado. O deus de Nabucodonosor havia se mostrado mais forte e eficiente. A própria mente do povo de Deus acabava por ser transtornada pela força da ideologia dominante.

III - OS EXILADOS NA BABILÔNIA

As informações que poderiam delinear as condições específicas do povo de Deus no exílio da Babilônia não são tantas quantas gostaríamos. Todavia, a literatura bíblica aliada à literatura extrabíblica permite perceber os contornos de um povo em cativeiro.

1) Uma forma muito comum ao tratamento em conquista no Antigo Oriente Médio era a deportação em massa. Quando assim acontecia, muitos eram destinados à escravatura e enviados para prestarem serviço nas grandes obras do Estado. Informação contida em Antônio A. Tavares nos mostra que nos anais de Senaqueribe recorda-se o caso de prisioneiros procedentes de Tiro, Sidon e de Chipre, os quais eram marinheiros nas suas terras de origem e foram destinados à construção de um navio para os assírios.

De acordo com o que J.B. Pritchard deixa entender, os babilônios continuaram a política assíria, utilizando os prisioneiros em trabalhos públicos. Os habitantes da Judéia, deportados por Nabucodonosor, foram obviamente sujeitos ao mesmo tratamento. Daí a preocupação em levar para a Babilônia principalmente trabalhadores com profissão bem definida, como é o caso dos "ferreiros e carpinteiros" (Jr 24,1).

2) A Babilônia tinha como prática assentar os exilados em locais que haviam sido destruídos e depois reconstruídos, principalmente em áreas em que a agricultura poderia ser facilmente desenvolvida e, também, em centros semelhantes a Calah, Nínive, Gozan e Nippur.

O Salmo 137 menciona os "rios da Babilônia" como um local onde os exilados foram assentados. Desta forma podemos presumir que uma grande concentração de exilados era assentada próxima a canais de água.

A partir dessa informação pode-se localizar um centro de judaítas no sul da Babilônia, em local chamado de Tel-Abib, às margens do rio Quebar (Ez 1,3; 3,15). Esse rio passa através da cidade comercial de Nippur. Uma coleção de documentos acadeanos do século V aC, descobertos em Nippur, traz luz sobre a vida dos exilados nessa cidade. Nos documentos faz-se referência a eles como integrantes da família Murashu. Muitos nomes nesses textos podem ser identificados como judaicos, tais como Yahunatan, Tobyaw, Banayaw e Zabadyaw.

Outros locais onde os judeus foram assentados são mencionados por Esdras 2,59 (Tel Mela, Tel Harsa, Querub, Adon e Emer) e confirmados por Neemias 7,61.

3) Pode-se presumir que, pelo menos no início, os exilados receberam terras das autoridades reais e tornaram-se lugares-tenentes do rei, como foi o caso de outras nações (confira 2Rs 18,32).

Mais tarde os judaítas também participaram no comércio, como está claro no documento de Murashu. Certamente os artesãos estavam ocupados em projetos reais, especialmente em grandes cidades, e eram pagos pelo tesouro real. Alguns dos exilados, cuja ocupação era o serviço do culto, ou seja, levitas, cantores e servidores do templo, retinham seu status como oficiais do culto mesmo na diáspora, e eram inclinados a se congregarem em certos lugares, como por exemplo o assentamento de Casfia (Esd 8,15-20).

BIBLIOTECA

4) O elemento "tel" (montículo) encontrado em alguns nomes de lugares (por exemplo: Tel Mela, Tel Harsa, Tel Abib), onde os judaítas foram assentados, pode indicar que esses locais estavam destruídos e foram reconstruídos. Isso também nos leva a sugerir que os exilados eram empregados na agricultura: "construam casas para vocês morarem, plantem pomares para comerem de suas frutas" (Jeremias 29,5).

5) Não há nenhuma evidência clara e explícita de que os exilados viveram sob condições de opressão ou eram submetidos a perseguição religiosa em algum tempo durante os anos 586-538 aC, isso nem mesmo no reinado de Nabônides.

Pode-se até mesmo dizer que os exilados tiveram o benefício da liberdade pessoal. Eles foram liberados para viver de acordo com os costumes de seu país e até comprar propriedades (Jr 29,5) e, inclusive, escravos (Esdras 2,65).

6) É possível deduzir alguma coisa da situação econômica de parte dos exilados a partir de Esdras 1,6 e 2,68-69, textos que relatam que os exilados mandavam presentes caros aos que estavam em Jerusalém.

7) Houve exilados que serviram na administração imperial da Babilônia. Alguns desses exilados foram incorporados a unidades militares e mercenárias de acordo com o costume da Babilônia. No caso, usavam prisioneiros capturados em batalhas imperiais.

8) Eram, portanto, os exilados, escravos? Não podem ser considerados escravos segundo o conceito grego ou romano. É certo que foram levados à força para uma terra estranha e que estavam submetidos a um império poderoso. Contudo, não eram "peças negociáveis". Decerto, a eles era permitido:

- viver agrupados (mantendo assim a identidade);
- circular livremente dentro dos acampamentos;
- praticar seus costumes;
- exercitar sua língua;
- dar continuidade à sua religião;
- produzir autonomamente (porém com uma quota a ser entregue, definida pelos próprios babilônios);
- casarem-se;
- comandarem seus próprios negócios;
- possibilidade de comunicação com a Palestina.

IV – UMA CRISE CRIATIVA

A crise já havia se instalado. Aos que estavam exilados restava o trabalho no campo, na produção agrícola. Passaram a fazer o que antes só faziam seus súditos. Nesse sentido, o exílio foi uma mudança radical.

Estavam numa terra estranha. E por mais que usufruíssem de uma certa "liberdade", ainda se encontravam controlados por um exército que havia se mostrado feroz e impiedoso. Aqueles que haviam sido opressores na terra da promessa agora viviam numa terra estranha, num chão dominado por reis opressores.

Com todos esses significados e significandos, o povo, no exílio, viveu a partir de uma série de conflitos físicos e econômicos. O peso do desastre tornou-se

forte sobre os ombros dos exilados. Todavia, todo o forte impacto causado pela deportação não impediu o exercício de uma "crise criativa, inventiva".

Foi na experiência de uma crise intensa que brotou a semente de esperança. Ao sofrer as agruras exílicas, o desafio da fé se tornou mais forte do que nunca. É algo impressionante: ao viver intensamente a experiência do desterro, o povo, nas dores e no desânimo, reconstruiu a vida a partir do nada.

O exílio foi uma espécie de molde em que se delineou a esperança. Assim, mesmo em meio à tragédia, fez-se necessário tirar o máximo proveito do desastre.

Desta forma, o exílio foi se transformando numa crise inventiva. Um ambiente pontuado de dor, é verdade, mas também completamente plasmado pelo desejo e força de recomeçar.

De fato, o exílio da Babilônia foi "um sofrimento transformado em êxito" (Milton Schwantes).

V – CONCLUSÃO

Exílios são freqüentes. Ontem e hoje vive-se sem a liberdade do prazer da vida. Vivemos numa sociedade em que se fabrica a tragédia de forma quase que diária. Nesta situação somos também desafiados ao exercício da crise criativa, inventiva.

"...a luta por uma expansão do mundo da beleza, da não-violência, da calma, é uma luta política. Não se trata de converter a abominação em beleza, de esconder a miséria, de desodorizar o mau cheiro, de florir as prisões, os bancos, as fábricas; não se trata de purificar a sociedade existente, mas de substituí-la" (Herbert Marcuse).

BIBLIOGRAFIA

No decorrer desse artigo obtive valiosa ajuda nos seguintes textos:

ACKROYD, Peter R. *Exile and Restoration – A Study of Hebrew Thought of the Sixth Century B.C.* SCM Press, Filadélfia, 1980.

HAYES, J. & MILLER, J. (edit). *Israelite and Judaean History*. Trinity Press International, Filadélfia, 1990.

Leitura profética da história (A). In: *Tua Palavra é Vida*, v. 3. Publicações CRB/Edições Loyola, São Paulo, 1992.

SCHWANTES, Milton. *Sofrimento e esperança no exílio: história e teologia do povo de Deus no século VI aC*. Editora Sinodal/Edições Paulinas, São Leopoldo/São Paulo, 1987, 134 p.

TAVARES, Antônio A. *Estudos da alta antiguidade*. Editorial Presença, Lisboa, 1983.

VAUX, Roland de. *Instituciones del Antiguo Testamento*, v. 1. Editorial Herder, Barcelona, 1964.

Luiz Alexandre Solano Rossi
Caixa postal 118
87020-090 Maringá, PR